

*Nenhum arquivo te reconstituirá*¹

Julietta Singh²

Tradução de Joana Passi de Moraes³

Um ladrão, um desejo

ERA 2004 E ESTAVA ABSOLUTAMENTE FRIO EM MINEÁPOLIS. O RÁDIO HAVIA PRONUNCIADO QUE ERA O DIA mais frio do ano, embora eu já tivesse aprendido a não confiar em nada que veio de canais de notícias. O aquecimento do meu apartamento estava desligado de novo, e eu estava embrulhada dentro de casa em meias de lã, ceroulas e um casacão, observando minha respiração ondulando para fora do meu corpo em plumas esfumaçadas. Meu prédio tinha sido assaltado duas vezes na semana passada, embora meu apartamento tivesse sido magicamente poupado. Isso não é inteiramente verdade, porque o intruso tinha de fato vindo à minha porta e tirou de meu capacho meu único par de tênis. Ele esteve no limiar, não exatamente dentro da minha casa, mas em sua fronteira. E ele tirou algo daquela fronteira, algo que tinha valor para nós dois. Nesse sentido, parecia-me que estávamos inegavelmente ligados. Apesar de ele não ter entrado no meu espaço, pude senti-lo palpavelmente lá — não apenas no sentido do temor da antecipação de seu retorno, mas no sentido de que algum traço dele foi deixado para trás, atravessou o limiar e entrou naquele pequeno espaço congelado que se tornou minha improvisada casa americana.

Previendo que o ladrão atacaria novamente, vasculhei o apartamento tentando avaliar o que mais poderia ser valioso para ele. Tentando diminuir meu medo, decidi que o movimento ético era não me defender, mas encontrar uma maneira de recebê-lo e fazer com que sua entrada forçada tivesse menos sensação de violação. Coloquei um post-it afixado em uma lata de *Red Bull* na geladeira onde se lia "Por favor, sinta-se à vontade". A nota foi uma recepção estranha para meu intruso indesejado; uma oferta de algo que não me faria mal perder. Na verdade, o *Red Bull* era o resto de algum outro visitante, alguém que eu já tinha esquecido e que deixou para trás um item que eu nunca consumiria. Eu sabia que havia uma falha ética em meu ato de estranha hospitalidade, ao oferecer algo ao meu intruso que eu mesma não queria. Mergulhei na autocrítica antes mesmo do adesivo colar; eu era jovem, com frio e podia sentir meu corpo envelhecendo.

¹ O texto presente é traduzido dos dois primeiros capítulos do livro *No archive will restore you*. A formatação segue a da publicação original, visando recompor o ritmo de leitura proposto pela autora.

² Julietta Singh é Professora Associada de Estudos de Inglês e Mulheres, Gênero e Sexualidade na Universidade de Richmond. Autora de *Unthinking Mastery: Dehumanism & Decolonial Entanglements* (Duke University Press, 2018).

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-RIO. Pesquisadora visitante no Colégio das Artes na Universidade de Coimbra.

Como uma criança canadense de pele escura, imaginei a América como um monstro de duas cabeças. Uma cabeça era a de um menino louro reluzente com a boca cheia de doces exóticos americanos, com um grande sorriso perverso mastigando implacavelmente. A outra era uma cabeça envolta no capacete de palhaço do *Ku Klux Klan*.

Achava ambas as cabeças tolas e assustadoras; ambas, em diferentes maneiras, pareciam querer me devorar.

Vim para os Estados Unidos para estudar, aconselhada por entusiastas acadêmicos canadenses para ter um PhD de uma universidade americana que me tornaria “de ouro” quando voltasse. Vim com hesitação, nunca considerando que não voltaria ou que a mudança para o sul me transformaria com o tempo em uma expatriada. Naquele dia frio em Mineápolis, já morava na América por meses e não mais imaginava a nação como um monstro. Na verdade, aprendi a amar os monstros, reconhecendo que funcionam como os limites abjetos da sociedade. Discerni que a criação do monstro é uma maneira de forjar algo externo a si para que um coletivo possa se imaginar como unido, coeso e impenetrável. O monstro é um ser que não se encaixa ou não pode se encaixar normalmente, cuja existência torna os outros desconfortáveis e que, portanto, deve ser evitado e exilado. Não, a América não era um monstro, embora fosse altamente habilidosa em criar figuras monstruosas e exercer a força contra eles. Meu convidado-intruso era como um monstro — como algo à espreita nas bordas do que eu acreditava ser apropriadamente meu. Algo que ameaçou entrar e, ao fazê-lo, forçou-me a considerar a nossa relação.

Esperar para ser roubado é como esperar por um acidente iminente em que você e seu assaltante estão juntos no desastre. Seu agressor naquele único momento exerce o controle, e em resposta você se torna, em certo sentido, algo externo a você mesmo. Você não pode sustentar a fantasia usual de ser um corpo autônomo; você está palpavelmente exposto. Respondo a tal crise existencial fazendo o que sempre fiz em momentos críticos de incerteza. Fiz o que fui para a América fazer: estudei.

Construí um ninho improvisado no meu velho e esfarrapado sofá laranja, esteticamente um cruzamento entre um assento de ônibus e um banco de igreja. O amortecimento interno se desintegrava continuamente, deixando em baixo dele pilhas de poeira que se espalhavam pelo chão como uma languida diáspora. Mas eu amava a aparência desse sofá e, de qualquer forma, não tinha verba para substituí-lo. Entocada no meio de cobertores, folheando entre páginas de uma obra fundamental para os estudos pós-coloniais, *"Orientalism"* de Edward Said, deparei com uma passagem escrita pelo teórico político neomarxista italiano, Antonio Gramsci:

O ponto de partida da elaboração crítica é ter a consciência do que alguém realmente é, e é “saber a ti mesmo” como um produto dos processos históricos para data, que depositou em você uma infinidade de rastros, sem deixar um inventário... Portanto, é imperativo, já de partida, compilar esse inventário.⁴

⁴ Traduzido do original: *"The starting-point of critical elaboration is the consciousness of what one really is, and is "knowing thyself" as a product of the historical processes to date, which has deposited in you an infinity of traces, without leaving an inventory... Therefore it is imperative at the outset to compile such an inventory"*. GRAMSCI, A. *Selections from the Prison Notebooks*, ed. Quintin Hoare e Geoffrey Nowell Smith. Nova York: Publicações Internacionais, 1997, 324. Apud. SAID, E., *Orientalism*. New York: Vintage, 1979, p. 25.

Uma história infinita de vestígios sem inventário! Uma coleção infinita de si mesmo impossível de ser reunida... Não tive uma ideia concreta do que isso significava, ou o peso que isso tinha em minha própria vida, mas sabia do que se tratava. Parecia que aquela coisa quebrada que eu era pudesse ser restaurada, e parecia uma ideia concreta do que desejaria sem parar para mim e para o mundo.

O aquecimento voltou no meio da noite. Pude ouvir o barulho estranho dos radiadores ressuscitando desajeitadamente. Mas naquele momento, não era a dupla ameaça de congelamento e roubo que me deixava sem dormir, mas a ideia opaca e desesperadamente sedutora de meu próprio arquivo impossível.

Há pelo menos duas maneiras de entender a emergência de um desejo: uma é quando passamos por um instante, quando algo muda e a maneira como você age e reage, a maneira como você lida com as coisas, é fundamentalmente alterada. A outra é através do acúmulo, quando, ao longo do tempo e da repetição, as nossas histórias nos atraem para certas práticas e maneiras de sentir e desejar. Meu desejo é a ideia de arquivo. Ou, mais precisamente, é a ideia do que o arquivo pode me oferecer. Embora eu saiba que meu desejo pelo arquivo é na realidade um longo acúmulo, o imagino como sendo um único e solitário instante.

Nenhum arquivo te reconstituirá

Estávamos correndo em direção ao arquivo. Sabíamos que era crucial, mas suspeito que poucos de nós sabíamos o que significava, onde estava, ou o que fazer com ele.

Éramos alunos de pós-graduação em um pequeno programa de teoria cultural, cada vez mais afundados em dívidas — o que é, em certo sentido, um próprio tipo infernal de arquivo. Esperávamos ser uma das raras exceções arrancadas para a terra quase mítica do trabalho estável. O mercado de trabalho inegavelmente afundou e um PhD mudou radicalmente ao longo do tempo, saindo de um portal para o estável emprego acadêmico para ser uma credencial com quase nenhum valor. Enquanto a universidade se tornava cada vez mais corporativa e cada vez mais impulsionada por mão-de-obra explorada, nos jogava para fora em rebanho, cuspidos em um mundo de trabalho altamente competitivo e altamente instável.

A maioria de nós se tornaria funcionário adjunto mal pago, sem acesso à saúde, encarando os meados dos trinta anos sem saber com clareza para que tudo aquilo havia servido. Dissemos a nós mesmos que não preferiríamos fazer nada mais do que estudar, do que treinar durante uma década para atuar em crítica cultural. E era quase verdade. Tentávamos manter a solidariedade uns com os outros enquanto competíamos por escassas bolsas e oportunidades de emprego cada vez menores, observando uma tropa à frente de nós falhar em usufruir das promessas de tudo aquilo, refletindo, às vezes publicamente, o porquê ingressamos nessa estrada cheia de ansiedade.

Por que persistimos, quando tudo parecia contra nós? Eu não culpo o arquivo em si, mas sem dúvida ele sustentou uma espécie de promessa para cada um de nós, o que nos manteve ligados à academia. O arquivo era uma esperança vaga de salvação individual. Se pudessemos encontrar o arquivo certo, o estoque certo de materiais *sexy* o suficiente para nos vendermos, poderíamos ser poupados da depressão, das crises de ansiedade, das crises pré-meia-idade que viriam quando, um por um, percebêssemos que não seríamos os escolhidos. Quando, diante da rejeição brutal, não teríamos a menor ideia de que porra fazer com nós mesmos. Se pudessemos tropeçar sobre o arquivo certo, os segredos que ninguém mais tinha descoberto, ainda poderíamos ser um dos escolhidos. O arquivo era uma esperança opaca, mas continuava fugidivo como se não quisesse ser encontrado, saqueado, escavado. Tornou-se totalmente sedutor em sua evasão e continuava deixando claro que não queria nosso masturbatório desejo. O arquivo era pura provocação, e nós, descaradamente, pendurávamos notas de dólar emprestadas no seu fio dental.

Se você é como eu e entrou na pós-graduação sem saber da importância pomposa do arquivo, você aprende no momento em que entrar na sala de aula. Lá, todos são obrigados a fingir que têm um, e todo mundo quer saber qual é o seu. “Qual é o seu arquivo?” você será questionado repetidamente, e sua resposta revelará quão seriamente você deve ser levado. Você aprende rapidamente que “arquivo” neste contexto pode significar quase tudo. Em sua iteração mais óbvia, o arquivo pode ser um local físico onde se encontra uma coleção de documentos.

(Cabe aqui admitir que quase não tenho experiência com o arquivo de tijolo e argamassa, e que, na verdade, tenho um longo histórico de ficar desconfortavelmente oprimida em espaços que contêm grande quantidade de informações. Desde a infância, sinto-me como uma mente encolhida que sabe muito pouco, que se encolhe como um cão espancado cada vez que é confrontada por vastas arquiteturas de conhecimento.)

Mas "arquivo" também tem significados mais amplos, que pode sinalizar um corpo de literatura (como na literatura de um grupo de escritores com motivação política no Sul da Ásia entre as décadas de 1930 e 1960); ou uma série de monumentos; uma coleção de imagens... Em outras palavras, "arquivo" na universidade significa simplesmente o que você está estudando, e chamar o que você estuda de "arquivo" dá peso e concede status de uma busca intelectual. Seu arquivo é uma declaração esperada — um pronunciamento que manifesta seu valor e pertencimento nos grandes salões do ensino superior. O arquivo, deve-se notar, também é sua ficção capacitadora: é o que você *diz* fazer bem antes de você realmente fazer, e bem antes de você entender o que entra em jogo ao reunir e interpretar seu material.

“Nada é menos confiável, nada é menos claro hoje do que a palavra ‘arquivo’”, escreve Jacques Derrida⁵, que começa suas considerações sobre o arquivo (e sua relação específica com a psicanálise), voltando-nos para *arkhē*, a raiz linguística da palavra. *Arkhē*, explica Derrida, articula tanto o começo quanto o comando. Na primeira iteração, *arkhē* é o lugar de onde tudo emerge, o local de onde os pensamentos e coisas do mundo surgem. No segundo, é o lugar da lei oficial, de onde a autoridade é exercida e externalizada. Como, pergunta o filósofo, mantemos esses dois significados juntos? O que é este lugar — o arquivo — de onde surgem o começo das coisas e a autoridade para governar? Para Derrida, o arquivo é preocupante; isso marca uma série de segredos entre o público e o privado, mas também, e mais intimamente, “entre você e você mesmo.”⁶

No princípio, em seu famoso livro *Archive Fever*, Derrida se detém à novidade e ao valor de sua ideia sobre o arquivo, fazendo uma pausa para confessar desde o início que:

no final, não tenho nada de novo a dizer. Por que se deter em histórias desgastadas? Por que desperdiçar tempo? Por que arquivar mais isso? Por que investimentos em papel, tinta, personagens? Por que mobilizar tanto espaço e tanto trabalho, tantos recursos tipográficos? Isso merece ser impresso? Essas histórias não devem ser encontradas em qualquer lugar?⁷

A ruminação de Derrida sobre o arquivo resulta ser problema insolúvel do qual toda uma série de projetos intelectuais surgiram. Eles ofereceram algo novo? Eles mereciam impressão? Se essa proliferação de dedicação Derridariana ao arquivo foram gastos úteis ou não, não sei dizer. De uma coisa tenho certeza, nunca entendi como eleger utilidade. Porém, sem dúvida, esse material se tornou parte do arquivo do arquivo, marcando um momento na história intelectual, quando nenhum de nós entendia o arquivo e nenhum de nós podia parar de persegui-lo.

É muito ousado dizer que o momento do arquivo virou passado? O arquivo enquanto um desejo intelectual parece agora ter virado um clichê. Clichê. Um professor sênior graduado uma vez me disse, sem rodeios, que “clichê” é uma onomatopeia do francês, proveniente do som produzido por um tipo específico de impressão. O som de algo sendo repetidamente reproduzido. Nossa relação profissional se transformou brevemente em um caso bobo — algo completamente previsível e totalmente tolo. Enquanto observava sua boca soar a definição de clichê, me perguntei se ele sabia que estava comentando sobre nossa relação abusiva.

Anos depois, quando confessei com profunda vergonha para uma mentora feminista que havia feito algo totalmente clichê, como tendo um caso com um professor, ela respondeu: “Mas claro que é clichê! É clichê porque é continuamente reproduzido! Você é parte de uma máquina reprodutiva!” Isso é uma história que “acontece em todos os lugares”, a dinâmica de poder entre gêneros na mentoria intelectual. Eu era totalmente ciente e crítica dessa dinâmica de poder, e a reproduzi integralmente enquanto me imaginava como única. Assim como nossa perseguição ao arquivo parece reproduzir uma estrutura do conhecimento repetidas vezes.

⁵ No original: “between oneself and oneself”. DERRIDA, J. *Archive Fever: A Freudian Impression*, trad. Eric Prenowitz. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1996.

⁶ *Ibid.*, 90.

⁷ *Ibid.*, 9.

Quando uma amiga arquivista visitou minha casa recentemente, ela percebeu as pilhas de livros sobre arquivo espalhadas sobre a sala de estar e perguntou, incisivamente, sobre meu investimento naquilo. Ela tinha acabado de voltar de uma conferência radical de arquivistas em Oregon, onde arquivistas criticaram a preocupação acadêmica com o local de seus apaixonados trabalhos. Para eles, a crítica às lacunas do arquivo e os silêncios não levam em conta seus baixos salários e a falta de acesso aos materiais que a maioria deles deseja obter. Além do mais, minha amiga declara, eles também estão ultrajados com a falta de atenção acadêmica às próprias ideias do arquivista.

Diante da frustração dos arquivistas, como respondo? Escritores muitas vezes hesitam naqueles momentos em que devem explicar em trechos breves sobre o que estão escrevendo. Trabalhamos com palavras, mas lutamos para que a linguagem capture nossos engajamentos. Sou uma pessoa que escreve para entender o que penso; escrevo o que ainda não sei como colocar em linguagem e pensamento.

Confrontada com a frustração do arquivista, respondo constrangida que meu interesse no arquivo é mais criativo do que intelectual. Isso é mentira, já que não consigo delinear a diferença entre os dois interesses. Digo, também, que minha paixão pelo arquivo está enraizada na suspeita de que seu tempo já passou; já parece uma reminiscência intelectual.

Se o arquivo é reminiscência, é um que fica sussurrando, insistindo em seu lugar na minha vida cotidiana. Ou invés disso, poderia ter dito a minha amiga: "sou um arquivo inquieto que se atrapalha em palavras. Uma coisa feita de traços infinitos, impossíveis de serem rastreados."

Ou poderia simplesmente ter dito: "O arquivo é um estímulo entre eu e eu mesma."

C tinha acabado de retornar de um ano de pesquisa na Argentina quando a conheci, no meu primeiro ano de pós-graduação. Ela tinha uma sensibilidade sensata e um raro ritmo rápido de andar que combinava perfeitamente com o meu. Ela estava no doutorado, vários anos à minha frente, escrevendo sobre mulheres argentinas que, como presas políticas, durante o último regime ditatorial, guardavam literatura subversiva em seus canais vaginais. Ela chamava isso de "biblioteca vaginal". Tanto a metáfora quanto o lugar, a biblioteca vaginal me pareceu como um arquivo incorporado em ruína orgânica. Atribuí a ideia de "preservação" para célula, em um sentido duplo: para as células que aprisionavam mulheres, e para as estruturas celulares de seus corpos.

Verdade seja dita, nunca mais ouvi a palavra "arquivar" sem pensar imediatamente em vaginas dissidentes. Essas duas coisas — arquivo e vagina — foram suturadas em meu pensamento.

Apreendi com C sobre as dissidentes argentinas logo após os roubos no prédio, depois que tropecei no chamado de Gramsci para compilar um inventário de vestígios históricos. Foi, então, que comecei a pensar no meu próprio corpo como um arquivo impossível e em deterioração — um corpo que durante toda a minha vida parecia excessivo e insuficiente, muitas vezes até monstruoso. Abandonando a busca de um arquivo legítimo — um externo a mim e um que possa garantir meu sucesso profissional e movimento ascendente — comecei, então, no embate com o confuso, incorporado, ilegítimo arquivo que sou.ⁱ

Referências

DERRIDA, J. *Archive Fever: A Freudian Impression*, trad. Eric Prenowitz. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1996.

SAID, E., *Orientalism*. New York: Vintage, 1979.

Recebido em: 24/04/2022

Aceito em: 20/12/2022

ⁱ "No archive will restore you tem o Copyright © 2018 por Julietta Singh. O livro possui uma licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0 Internacional, o que significa que é livre para copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato, e também pode remixar, transformar e construir sobre o material, desde que você atribua claramente o trabalho aos autores (mas não de uma forma que sugira que os autores ou livros Punctum Books endossem o trabalho)".

Publicado pela primeira vez por: Montréal, Quebec: 3Ecologies Books / Immediations, 2018. 118 pages. ISBN-13: 978-1-947447-8-51. DOI: 10.21983/P3.0231.1.00., uma impressão de Punctum Books. <https://punctumbooks.com>. ISBN-13: 978-1-947447-86-8 (ePDF). OPEN-ACCESS e-book. <https://punctumbooks.com/titles/no-archive-will-restore-you/>.